

## A IMAGEM DO SERTÃO EM JOSÉ DE ALENCAR

Eduardo Vieira MARTINS<sup>1</sup>

**RESUMO** *O objetivo deste texto é discutir a caracterização do cenário em O sertanejo (1875), de José de Alencar.*

**ABSTRACT** *The aim of this paper is to discuss the setting in O sertanejo (1875), a novel written by José de Alencar.*

### 1

Em 1875, José de Alencar publicou *O sertanejo*, romance dedicado à efabulação da vida dos vaqueiros e fazendeiros no interior do Ceará. Em sintonia com o cânon da ficção romântica, a narrativa iniciava-se pela evocação do espaço onde a ação iria se desenvolver:

Esta imensa campina, que se dilata por horizontes infindos, é o sertão de minha terra natal. Aí campeia o destemido vaqueiro cearense, que à unha de cavalo acossa o touro indômito no cerrado mais espesso, e o derriba pela cauda com admirável destreza. Aí, ao morrer do dia, reboa entre os mugidos das reses, a voz saudosa e plangente do rapaz que abóia o gado para o recolher aos currais no tempo da ferra. Quando te tornarei a ver, sertão da minha terra, que atravessei há tantos anos na aurora serena e feliz de minha infância? Quando tornarei a respirar tuas auras impregnadas de perfumes agrestes, nas quais o homem comunga a seiva dessa natureza possante? De dia em dia aquelas remotas regiões vão perdendo a primitiva rudeza, que tamanho encanto lhes infundia. A civilização que penetra pelo interior corta os campos de estradas, e semeia pelo vastíssimo deserto as casas e mais tarde as povoações. Não era assim no fim do século passado, quando apenas se encontravam de longe em longe extensas fazendas, as quais ocupavam todo o espaço entre as raras freguesias espalhadas pelo interior da província.

---

<sup>1</sup> Professor da Universidade Estadual de Londrina.

Então o viajante tinha de atravessar grandes distâncias sem encontrar habitação, que lhe servisse de pousada; por isso, a não ser algum afouto sertanejo à escoteira, era obrigado a munir-se de todas as provisões necessárias à comodidade como à segurança.<sup>2</sup>

Se por um lado essa apresentação assemelha-se às “cenas da natureza” com as quais se abriam muitos romances românticos, por outro, difere delas em pontos importantes, como, por exemplo, no fato de não indicar a localização do cenário evocado. Ao contrário de romances como *O guarani*, *Inocência* e *O garimpeiro* (de Bernardo Guimarães), que logo nas primeiras linhas situam o ponto do mapa onde a ação irá transcorrer, em *O sertanejo* as primeiras coordenadas geográficas são fornecidas apenas no décimo parágrafo, quando, terminada a evocação inicial do sertão, o narrador desvia os olhos dos “horizontes infindos” para focalizar uma caravana de viajantes, dando início à narrativa: “Assim fizera o dono do comboio que no dia 10 de dezembro de 1764 seguia pelas margens do Sitiá buscando as faldas da Serra de Santa Maria, no sertão de Quixeramobim” (Alencar 1965: 527). Antes de receber essas informações, o leitor sabe apenas que o espaço em questão não é um lugar qualquer, mas “o sertão de minha terra natal”. A ligação afetiva que prende o narrador ao espaço faz com que a evocação do cenário seja banhada pela nostalgia, que contamina a narrativa e a descrição do sertão. Definida pelo romancista como o “marasmo da ausência”,<sup>3</sup> a nostalgia estaria presente no próprio nome “Quixeramobim”, relacionado à saudade do passado. Em uma nota a *Iracema*, Alencar, citando o naturalista alemão Carl Philipp von Martius, afirma ser essa palavra uma “exclamação de saudade”, composta por “*Qui*: ah!, *xere*: meus, *amôbinhê*: outros tempos”.<sup>4</sup> O sertão surge, assim, como um espaço ausente, perdido no passado, “na aurora serena e feliz de minha infância”.

A evocação inicial do sertão de Quixeramobim também diverge daquele modelo romântico de abertura por relegar o aspecto descritivo a um segundo plano. A propósito do conto “Luiz da Serra”, de Lúcio de Mendonça, Alexandre Eulalio se refere às “descrições iniciais caras aos prosadores do Romantismo — descrições que valiam como uma demonstração de pulso do estilista que geralmente não eram”.<sup>5</sup> Flora Süssekind, investigando o surgimento da prosa de ficção na literatura brasileira da primeira metade do século XIX, observa que os narradores desses textos se constituíram, em parte, num diálogo com o relato de viagem e com as planchas e desenhos que o acompanhavam. A aproximação a esses interlocutores lhe teria conferido um olhar “paisagístico-naturalista” capaz de auxiliá-lo na tarefa de forjar uma imagem unificada para um país recém-independente e assombrado pelo fantasma da desagregação territorial.<sup>6</sup>

---

<sup>2</sup> Alencar 1965: 527.

<sup>3</sup> Alencar 1960: 969.

<sup>4</sup> Alencar 1979: 95.

<sup>5</sup> Eulalio 1960: 37.

<sup>6</sup> Süssekind 1990: 60.

Apesar de haver exemplos desses painéis da natureza em *O sertanejo*, sua abertura parece afastar-se desse modelo. Nela, ao invés de pintar um quadro, inventariando perspectivas ou espécies animais e vegetais, são apresentados os principais elementos através dos quais o autor caracteriza o sertão. Como numa abertura sinfônica, levantam-se temas que serão posteriormente retomados e desenvolvidos ao longo da narrativa: o sertão imenso, o gado e o vaqueiro, a vinculação do espaço sertanejo ao momento privilegiado da infância, a idéia de que no sertão o homem vive em comunhão com a natureza, a noção fundamental de que com o passar do tempo esse vasto território vai sendo domesticado, a percepção das estradas e caminhos como elemento civilizador, a valorização do passado, e, finalmente, sua percepção como lugar do perigo e da aventura.

A imagem do sertão desenvolvida por José de Alencar coaduna-se com a idéia oitocentista que compreendia esse espaço como as terras incultas e pouco povoadas do interior do país. Sem fixar claramente os seus limites, o ficcionista indica apenas tratar-se de um vasto território ainda não completamente domesticado. Na abertura do romance, ele é descrito como a “imensa campina que se dilata por horizontes infindos”, o “vastíssimo deserto”, as “remotas regiões”, “o espaço entre as raras freguesias espalhadas pelo interior da província”. Antes de receber o nome de “Quixeramobim”, os desbravadores chamavam essas terras de “Campo Maior”, tal a sua extensão e grandiosidade (Alencar 1965: 542).

Ciente de que o caráter movediço da região com a qual trabalhava não lhe permitiria definir contornos precisos, Alencar limitou-se a fixar os grandes horizontes que a delimitavam. A narrativa inicia-se com um grupo de viajantes atravessando uma chapada ressequida pela longa estiagem. O fato de o romance abrir-se com uma viagem é revelador do espaço que lhe serve de cenário: o sertão é o distante, o ponto para onde os personagens se dirigem. Assim ocorre em *Inocência* e *O guarani*, romances que apresentam entre suas primeiras cenas a chegada de viajantes a algum lugar afastado do interior. Assim ocorre também em *O sertanejo*, cuja ação inicia-se com a chegada do capitão-mor Gonçalo Pires Campelo e de sua família de uma viagem ao Recife, de onde trazem “galanterias de toda sorte, das mais finas e custosas que então se vendiam nas lojas e tendas do Recife” (Alencar 1965: 589). A cidade, lugar do movimento e do comércio, da moda e dos e torneios cortesões, forma um dos horizontes do sertão. A fronteira entre esses dois espaços não é assinalada por nenhum traço nítido, pelo contrário, ela é de tal forma imprecisa que o narrador nem sequer se refere a ela. A aproximação do espaço sertanejo só é percebida por alguns sinais subjetivos e indeterminados. Foi o “fogosso cavalo” montado por D. Flor, natural daqueles campos, que a pressentiu antes de todos, mostrando-se “excitado desde que primeiro sentira as auras da terra natal” (Alencar 1965: 531).

O destino dos viajantes é a fazenda da Oiticica, de propriedade do capitão-mor. O nome da “herdade” era uma homenagem de seu fundador à majestosa árvore que havia em seu terreiro:

Na frente elevava-se no terreiro, a algumas braças da estrada, a frondosa oiticica, donde viera o nome à fazenda. Era um gigante da *antiga mata virgem que outrora cobria aquele sítio*.

Na ocasião da derrubada, sua majestosa beleza moveu o fazendeiro a respeitá-la, destinando-a a ser como que o lar indígena da *nova habitação fundada aí nesses ermos*. (p. 541)

O narrador situa essa fundação no final do século XVIII, período no qual os “fidalgos de fortuna iam assentando nas *terras de conquista*” as suas fazendas (Alencar 1965: 541).

Antes de serem desbravadas, as matas que agora constituíam o sertão de Quixeramobim eram dominadas pela nação dos índios Jucás:

Os primeiros povoadores a tinham expellido dos Inhamuns, onde vivia à margem do rio que ainda conserva seu nome.

Depois de renhidos combates, os Jucás refugiaram-se nos Cratius, de onde refazendo as perdas sofridas e aproveitando a experiência anterior, se lançaram de novo na ribeira do Jaguaribe, assolando as fazendas e povoados. (Alencar 1965: 683)

Na época da infância de Arnaldo, herói da história, os índios ainda ameaçavam o sertão de Quixeramobim, e é num episódio que conta com a participação do pequeno vaqueiro que a paz foi alcançada. Os índios aparecem novamente no final da narrativa, desempenhando importante papel para livrar a Oiticica do cerco a que estava submetida. O seu território, a selva misteriosa, ainda não penetrada pelo homem branco, constitui o outro horizonte do sertão.

Neste romance de José de Alencar, o sertão aparece como o espaço compreendido entre as grandes cidades e a floresta desconhecida e ameaçadora. Território de bordas, contém em si elementos dos dois mundos que o confinam: seus moradores e a civilização por eles construída remetem à cidade, e a grandiosa oiticica que se ergue no terreiro da fazenda é um vestígio da antiga floresta que aí existia, conservada para ser o “lar indígena” da nova morada. Para o romancista, os sertões eram as “terras de conquista”, território havia pouco tomado à “antiga mata virgem” e aos índios que a dominavam. Percebê-lo como terra recém-conquistada é não apenas reconhecê-lo como um espaço bélico e perigoso, mas também como território em movimento constante, que se vai embrenhando pelo interior conforme os colonizadores avançam pelo mato, e que, simultaneamente, cede terreno para a cidade que avança em sua direção, domesticando suas terras incultas. “De dia em dia aquelas remotas regiões vão perdendo a primitiva rudeza, que tamanho encanto lhes infundia” (Alencar 1965: 527) anota o narrador na abertura do romance. Com isso, reforça-se a idéia de que o sertão é uma franja que se imiscui entre as cidades e zonas mais densamente povoadas. Ao reconhecê-lo como uma zona móvel e em perene transformação, o ficcionista eximiu-se da tarefa de erigir pontos geográficos precisos para delimitá-lo, e adotou, em seu lugar, uma espécie de coordenada temporal. Em José de Alencar, o tempo está inscrito no sertão. Por se transformar “de dia em dia”, ele se torna um espaço definido por um momento, um instante

transitório do processo de desbravamento. O sertão é fronteira de conquista, ele assinala uma franja, o ponto de intersecção entre dois tempos e dois mundos.

## 2

O interesse de José de Alencar pela representação de regiões do interior do país faz parte do esforço romântico de constituição de uma literatura nacional, compreendida como fixação dos elementos então considerados como genuinamente brasileiros. Ao traçar o desenvolvimento da prosa de ficção na literatura brasileira do século XIX, Antonio Candido afirma que os nossos primeiros romancistas, motivados pelo espírito nacionalista que orientou grande parte da produção romântica, entregaram-se a um verdadeiro trabalho de mapeamento do país, que ia sendo descoberto e fixado nos seus mais diversos aspectos: “O nosso romance tem fome de espaço e uma ânsia topográfica de apalpar todo o país. Talvez o seu legado consista menos em tipos, personagens e peripécias do que em certas regiões tornadas literárias [...]. Assim, o que se vai formando e permanecendo na imaginação do leitor é um Brasil colorido e multiforme, que a criação artística sobrepõe à realidade geográfica e social”.<sup>7</sup> O sertão foi uma das regiões tornadas literárias nesse período, quando a produção de romancistas como Bernardo Guimarães, José de Alencar, Franklin Távora e Taunay permitiu, segundo Heron de Alencar, “a conceituação de uma literatura sertanista”.<sup>8</sup>

Nome dado a um território de contornos incertos e delimitação convencional, o termo “sertão” possuía, no século XIX, um sentido um pouco diferente do atual, sendo usado para designar regiões consideradas hoje externas a esse espaço. Uma consulta aos dicionários revela que em nossos dias a palavra designa, principalmente, as porções áridas do interior dos estados do Norte e Nordeste, incluindo também áreas do norte de Minas Gerais e algumas regiões de Goiás e Tocantins. Câmara Cascudo, advertindo que “as tentativas para caracterizá-lo têm sido mais convencionais que reais”, descreve-o, inicialmente, como “o interior” do país, de forma genérica, mas a seguir observa que “o nome fixou-se no Nordeste e Norte, muito mais do que no sul. O interior do Rio Grande do Sul não é sertão, mas poder-se-ia dizer que sertão era o interior de Goiás e Mato Grosso, na fórmula portuguesa do século XIX”.<sup>9</sup> Aurélio Buarque de Holanda define-o como uma “região agreste, distante das povoações ou terras cultivadas”, como “terreno coberto de mato, longe do litoral”. O sertão seria a “zona pouco povoada do interior do país, em especial do interior semi-árido da parte norte-ocidental”.<sup>10</sup> Para Walnice

---

<sup>7</sup> Candido 1981: 114.

<sup>8</sup> Alencar 1973.

<sup>9</sup> Cascudo 1954.

<sup>10</sup> Ferreira s.d.

Nogueira Galvão, por fim, “dá-se o nome de sertão a uma vasta e indefinida área do interior do Brasil, que abrange boa parte dos estados de Minas Gerais, Bahia, Sergipe, Alagoas, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, Maranhão, Goiás e Mato Grosso. É o núcleo central do país”.<sup>11</sup>

No século XIX, essa limitação territorial ainda não havia ocorrido. Antonio de Moraes Silva — considerado por Alencar como “o primeiro lexicólogo da língua”<sup>12</sup> —, mantém o verbete “sertão” praticamente inalterado na primeira e na segunda edições de seu prestigioso dicionário. Na primeira, de 1789, o termo era definido como “o interior, o coração das terras, opõe-se ao marítimo, e costa, longe da costa”.<sup>13</sup> Na segunda, de 1813, que segundo Wilson Martins era tida como “a boa”,<sup>14</sup> Moraes mantém a mesma definição, acrescentando e modificando exemplos do uso da palavra: “[...] v. g. ‘Cidade do sertão; mercadores do sertão.’ [...] fig. ‘Bem pelo sertão dentro de um pensamento.’ [...] O sertão toma-se por mato longe da costa. [...]”<sup>15</sup> Outros dicionaristas do século XIX atribuíam o mesmo sentido ao termo. Luiz Maria da Silva Pinto, por exemplo, no seu *Dicionário da língua brasileira* (1832), definia-o como “o interior das terras. Mato distante da costa marítima. ‘Sertão da calma’, o lugar onde ela é mais intensa”.<sup>16</sup> Eduardo de Faria (1859), numa tentativa de etimologia, explicava que a palavra tinha sua origem em “*serra, e souto, mato*”, e designava “a região interior remota da costa do mar, mato interior”. Em sentido figurado, a expressão “bem pelo sertão” indicava “no mais íntimo”.<sup>17</sup> Para o poeta e historiador inglês Robert Southey, que ao se referir a esse espaço no segundo volume da sua *História do Brasil* (1822) esclarece o sentido do termo, o sertão era “o interior do país”.<sup>18</sup>

Podem-se encontrar exemplos dessa concepção mais ampla do espaço sertanejo em vários autores do período. Martins Pena, em *O diletante* (1844), referia-se à província de São Paulo como sertão; em *O gaúcho* (1870), de José de Alencar, os pampas do Rio Grande do Sul, ao contrário do que propõe Câmara Cascudo, eram chamados pelo mesmo nome;<sup>19</sup> e para o Visconde de Taunay, tanto o Mato Grosso, palco de *Inocência* (1872), quanto o Paraná, evocado em *Visões do sertão*, faziam parte daquele espaço. O fato de regiões tão distantes e diferentes uma das outras

---

<sup>11</sup> Galvão 1986: 25.

<sup>12</sup> Alencar 1960: 968.

<sup>13</sup> Silva 1789.

<sup>14</sup> Martins 1978: 45.

<sup>15</sup> Silva 1813.

<sup>16</sup> Pinto 1832.

<sup>17</sup> Faria 1859.

<sup>18</sup> Southey 1970: 565.

<sup>19</sup> Falando sobre Dom Romero, o narrador afirma que “o chileno tinha-se dirigido para aquele lado da província com intenção de percorrer as vilas e povoações do sertão até Cruz Alta”. Ver Alencar 1977: 148.

serem designadas pelo mesmo nome dificulta a tarefa de determinar o elemento que, na concepção desses autores, o caracterizava e distinguiu. Morais Silva descrevia-o como o interior, as áreas de mato distantes do litoral. Entretanto, não era qualquer região do interior que se considerava como sertão, e nem sempre era fácil saber o que fazia e o que não fazia parte dele.

No romance *Til* (1872), de José de Alencar, essa separação aparece com bastante clareza. Apesar de a fazenda das Palmas, cenário da ação, localizar-se no interior da província de São Paulo, ela foge aos domínios do sertão, o que se pode perceber quando o narrador afirma que “no inverno costumavam passar por aquelas paragens ranchos de caçadores que demandavam o sertão para a monteria das antas e veados que ainda abundavam nos campos de Araraquara e Botucatu”; ou então, que “um tigre que descera do sertão destruía o gado de uma fazenda próxima, cujo dono prometera boa recompensa a quem o matasse”.<sup>20</sup> O sertão não é aqui, ele está além, é o lugar para onde os viajantes se dirigem e de onde vem o tigre que ataca a fazenda. Ao relatar sua viagem pelo interior do Brasil, sir Richard Francis Burton deparou-se com o problema da delimitação do espaço sertanejo. Referindo-se à sua passagem pela cidade de Curvelo, o explorador inglês observa que “os habitantes [...]nunca se mostram muito dispostos a se considerarem sertanejos; os viajantes estão sempre se aproximando do sertão e sempre descobrindo que ele ainda fica a alguns dias de viagem”.<sup>21</sup> Semelhante atitude de repulsa também é registrada por Saint-Hilaire, que, ao narrar sua passagem por uma fazenda, refere-se ao relato de pessoas que “tinham a pretensão de achar que aquelas terras não faziam parte do sertão, o qual — afirmavam eles — só começava do outro lado de algumas montanhas situadas entre aquela região e o São Francisco”.<sup>22</sup>

Sempre recuando diante dos passos do viajante que avançava em sua direção, o sertão impunha dificuldades àqueles que tentavam demarcar suas fronteiras. Saint-Hilaire, à certa altura da narrativa das suas *Viagens pelas províncias de Rio de Janeiro e Minas Gerais* (1830), procura determinar a localização do sertão dessa última província, o que o obriga, em primeiro lugar, a defini-lo e a tentar dissipar falsas idéias sobre ele. Para o viajante francês, “o nome Sertão ou Deserto não designa uma divisão política do território; não indica senão uma espécie de divisão vaga e convencional determinada pela natureza particular do território e, principalmente, pela escassez de população”. Numa nota explicativa, acrescenta que

várias províncias, e todas talvez, tenham seu sertão, que é a sua parte mais deserta. Os sertões de Minas, Bahia e Pernambuco são regiões descobertas, e o da Província de Espírito Santo apresenta densas florestas. Parece mesmo que uma única província pode ter vários

---

<sup>20</sup> Alencar 1973: 89 e 121.

<sup>21</sup> Burton 1977: 136.

<sup>22</sup> Saint-Hilaire 1975: 156.

sertões, pois que, além do de Bahia, vizinho do sertão de Minas, as florestas desertas que se estendem a oeste do litoral para o lado de Belmonte, são ainda um sertão.<sup>23</sup>

Há nessas observações um indício do traço distintivo utilizado pelo autor para definir as regiões que receberiam o nome de “sertão”. A imagem desse espaço ligava-se à de deserto, os dois termos eram usados como sinônimos (“Sertão ou Deserto”, dizia Saint-Hilaire), e o segundo deles prendia-se mais à fraca densidade demográfica da região do que à sua aridez ou pobreza de vegetação. Assim, o nome podia ser atribuído tanto a uma região “descoberta” e árida, quanto a outra “coberta” por densa floresta: o que o definia não era o tipo de vegetação, clima ou terreno, como ocorre em nossos dias, mas a baixa densidade demográfica e a distância do litoral e dos núcleos de povoação. Dessa perspectiva, o *Grand dictionnaire universel du XIXe siècle* (1875), definia-o como o “nome dado, no Brasil, a certas partes do território de qualquer província pouco povoada ou inculta”.<sup>24</sup> Spix e Martius registram sua entrada nesse espaço dizendo, “achamo-nos agora no *sertão*, como denominam os mineiros a vastidão deserta, na sua linguagem usual”.<sup>25</sup> O mesmo Martius, no texto em que discutiu os rumos que deveria tomar a historiografia brasileira, observou que o estudioso encontraria “um atrativo variadíssimo na narração das numerosas viagens de descobertas e incursões dos diferentes pontos do litoral para os desertos longínquos do interior (os sertões), empreendidas em procura de ouro e pedras preciosas, ou com o fim de cativar e levar como escravos os indígenas”<sup>26</sup>. Os sertões eram os desertos, os vazios, as regiões do interior afastadas das concentrações humanas, as áreas onde a natureza inculta ainda não havia sido dominada e transformada por vilas e cidades.

A percepção do sertão como um espaço pouco povoado — não necessariamente árido — levou a uma aproximação dos vocábulos “sertão”, “deserto” e “floresta”. Em *O ermitão de Muquém* (1858), por exemplo, Bernardo Guimarães usa as três palavras como sinônimos. Descrevendo a fuga de Gonçalo da cidade de Goiás, o narrador afirma que ele “foi-se entranhando de mais em mais pelos sertões” e, desesperado, “vagava a esmo pelos desertos”.<sup>27</sup> A índia Guaraciaba, que Gonçalo encontra na tribo dos Chavantes, é referida, ao mesmo tempo, como a “filha da floresta”<sup>28</sup> e a “virgem do deserto”.<sup>29</sup> Em José de Alencar, Iracema é descrita ora como a “filha das florestas”,<sup>30</sup> ora como a “selvagem filha do sertão”.<sup>31</sup>

---

<sup>23</sup> Saint-Hilaire 1975: 307.

<sup>24</sup> Larousse 1875.

<sup>25</sup> Spix e Martius 1981: 75.

<sup>26</sup> Martius 1982: 100.

<sup>27</sup> Guimarães 1955: 89.

<sup>28</sup> Guimarães 1955: 76.

<sup>29</sup> Guimarães 1955: 89.

<sup>30</sup> Alencar 1979: 13.



Quando Martim se prepara para deixar o campo dos tabajaras, a índia o presenteia com sua rede, e o português lhe responde que essa rede será sua “companheira no deserto”.<sup>32</sup> A mesma identificação terminológica ocorre também em *Inocência*, romance que se inicia com uma cuidadosa descrição do espaço em que se irá desenvolver a história.<sup>33</sup>

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, Heron. (1973) “Sertão”. In: Jacinto do Prado Coelho (org.). *Dicionário de literatura*. RJ: Aguilar.
- ALENCAR, José de. (1979) *Iracema*. SP: Edusp.
- \_\_\_\_\_. (1977) *O gaúcho e O tronco do ipê*. RJ: José Olympio.
- \_\_\_\_\_. (1960) *O nosso cancionário*. In: *Ficção completa e outros escritos*. RJ: Ed. José Aguilar, v. 4
- \_\_\_\_\_. (1965) *O sertanejo*. In: *Ficção completa e outros escritos*. RJ: Aguilar, v. 3.
- \_\_\_\_\_. (1973) *Til*. SP: Ed. Melhoramentos.
- BURTON, Richard. (1977) *Viagem de canoa do Sabará ao Oceano Atlântico*. SP: Edusp/Ed. Itatiaia.
- CANDIDO, Antonio. (1981) *Formação da literatura brasileira*. BH: Itatiaia.
- CASCUDO, Luís da Câmara. (1954) *Dicionário do folclore brasileiro*. RJ: INL.
- EULAIO, Alexandre. (1960) “O Último Bom Selvagem”, in *Separata da Revista do Livro*, RJ: dezembro/1960, n° 20.
- FARIA, Eduardo de. (1895) *Novo dicionário da língua portuguesa*. RJ.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. (s/d) *Novo dicionário da língua portuguesa*. RJ: Nova Fronteira.
- GALVÃO Walnice Nogueira. (1986) *As formas do falso*. SP: Perspectiva.
- GUIMARÃES, Bernardo. (1955) *O ermitão de Muquém e O garimpeiro*. Livraria Martins.
- LAROUSSE, Pierre. (1875) *Grand dictionnaire universel du XIXe siècle*. Paris.
- MARTINS, Wilson (1978). *História da inteligência brasileira*. SP: Cultrix, v. 2.
- MARTIUS, Carl Philipp von. (1982) “Como se deve escrever a história do Brasil”. In: *O estado do direito entre os autóctones do Brasil*. SP: Edusp/Ed. Itatiaia.
- PINTO, Luiz Maria da Silva. (1832) *Dicionário da língua brasileira*. Ouro Preto: Tipografia de Silva.

---

<sup>31</sup> Alencar 1979: 20.

<sup>32</sup> Alencar 1979: 25.

<sup>33</sup> Taunay s.d.: 7-8.

- SAINT-HILAIRE, Auguste de. (1975a) *Viagem às nascentes do Rio São Francisco*. SP: Edusp/Itatiaia.
- \_\_\_\_\_. (1975b) *Viagens pelas províncias de Rio de Janeiro e Minas Gerais*. SP: Edusp/Itatiaia.
- SILVA, Antonio de Moraes. (1789) *Dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Oficina de Simão Thadeu Ferreira.
- \_\_\_\_\_. (1813) *Dicionário da língua portuguesa*. Lisboa.
- SOUTHEY, Robert. (1970) *History of Brazil*. New York: Lenox Hill Pub., v. 2.
- SPIX, Johann-Baptist von e MARTIUS, Carl Philipp von. (1981) *Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. SP: Edusp/Ed. Itatiaia.
- SÜSSEKIND, Flora. (1990) *O Brasil não é longe daqui*. SP: Companhia das Letras.
- TAUNAY, Visconde de. (1923) "Cruzando o Sertão". In: *Visões do sertão*. SP: Of. Gráf. Monteiro Lobato & R. Gusmão.
- \_\_\_\_\_. (s/d) *Inocência*. RJ: Ediouro.